

ENTREVISTA COM LUIZ ROBERTO AZEVEDO CUNHA



Luiz Roberto Azevedo Cunha foi professor do Departamento de Economia da PUC-Rio, além de decano no Centro de Ciências Sociais (CCS) e vice-reitor administrativo na mesma instituição. Com mestrado em Economia pela Vanderbilt University, finalizado em 1971, Luiz Roberto atuou no governo federal, como secretário de preços no ministério da Fazenda entre 1985 e 1986, e no governo estadual do Rio de Janeiro, como subsecretário de Planejamento e Fazenda, nos anos de 1988 e 1989. Nesta entrevista, realizada por Maria Candida Vargas Frederico no dia 3 de dezembro de 2024, dentro da sala de pós-graduação de Ciências Sociais da PUC-Rio, Luiz Roberto conta como foi ter passado pela Escola de Sociologia e Política (antigo nome do atual Departamento de Ciências Sociais) nos anos 1960 e suas lembranças da relação que estabeleceu, enquanto decano, com o corpo administrativo, docente e discente das Ciências Sociais nos anos 1990.

Maria Candida Vargas Frederico - Por que o senhor escolheu cursar ciências sociais e por que na Escola de Sociologia e Política da PUC?

Luiz Roberto Cunha - Na verdade, eu escolhi cursar economia na Escola de Sociologia e Política da PUC porque ela já tinha o curso de economia junto com o curso de ciências sociais. E eu, por razões familiares, achei que era melhor não dizer logo que eu ia fazer economia. Eu tinha uma

relação forte com pessoas da economia e eu preferi não fazer logo de cara. Eu tinha feito vestibular para Direito na UERJ e vestibular na PUC, já pensando em fazer economia, mas como era Escola de Sociologia e Política, eu tinha alternativa. A Escola já existia há muitos anos, mas o curso de economia estava no terceiro ou quarto ano. Foi uma das primeiras turmas da área de economia. Nós começávamos em um ciclo básico comum e depois fazíamos uma divisão na turma.

Maria Candida Vargas Frederico - Mas por que na PUC RIO?

Luiz Roberto Cunha - Bem, primeiro porque eu morava na Zona Sul, Copacabana, era perto... E a PUC atraía muito naquela época. Era uma outra PUC, mas ela já atraía, porque era bem localizada, tinha um espaço muito bom, ou seja, tinha uma atração natural... Se eu tivesse feito Direito, eu tinha feito na UERJ, mas acabei optando pelas ciências sociais e a economia na PUC.

Maria Candida Vargas Frederico - Quais são as suas principais lembranças da Escola de Sociologia e Política nos anos 1960?

Luiz Roberto Cunha - Eu entrei em 1966, no início do processo da ditadura. Um período muito conturbado e que durou todo o meu curso - terminei em 1969. Mas a PUC tinha uma característica muito especial em relação àqueles tempos difíceis. Era uma instituição aberta, tinha como reitor o Padre Laércio Dias de Moura, uma figura muito importante, com muito prestígio na sociedade, e que teve papel fundamental para que a PUC pudesse ser um espaço aberto em um período onde as universidades públicas estavam muito controladas e fechadas, e a PUC abriu espaços, inclusive para professores que tinham sido cassados. Padre Laércio era uma pessoa que tinha uma importância grande na sociedade do Rio de Janeiro, era muito conhecido. E havia mais outro padre muito importante: Raul Laranjeira de Mendonça, vice-reitor comunitário. Padre Mendonça era uma figura muito aberta, agradável, preocupada, interessada... Era figura-chave quando havia qualquer tipo de movimento quando os estudantes participavam, mesmo fora do Rio. Episódios em que estudantes tinham sido presos em São Paulo, por exemplo. Ele tinha essa preocupação de defendê-los, usando, inclusive, o prestígio da PUC na sociedade, o seu próprio prestígio na arquidiocese. Ele buscava defender esses estudantes que eventualmente tivessem algum problema como esse. Era um papel muito importante que ele tinha, ajudou muitos estudantes, que poderiam ter tido problemas até mais graves. Outro jesuíta importante foi o Padre Antônio Geraldo Amaral Rosa, vice-reitor acadêmico. Também tinha o Padre Antonius Benkö, que era húngaro, jesuíta importantíssimo, que dava aula de psicologia, mas também tinha um papel na gestão da universidade. Então, era um grupo muito forte de jesuítas naquela época e que tiveram um papel muito grande na proteção da PUC em relação às intervenções do regime militar em cima da sociedade. Essa postura da universidade permitia um diálogo aberto para discutir as questões da sociedade. Essa presença dos jesuítas e esse papel que eles tiveram ajudava muito que as coisas acontecessem.

É claro que, dentro da universidade, havia grupos mais à direita. Há um famoso "PH" no ano de 1965... Foi antes de eu entrar na PUC. Alunos que eram de direita, sobretudo da Engenharia,



fizeram uma série de confusões internas. E aí o papel dos jesuítas, do Padre Laércio, sempre foi muito importante segurando isso. Eu tenho um episódio muito interessante para contar: eu tinha sido, no segundo grau, aluno do Mallet Soares¹. Ali tinha um grêmio muito ativo na AMES - Associação Metropolitana de Estudantes Secundaristas. Um dos principais atores do Mallet Soares era o Vladimir Palmeira². Era interessante. Eu participei muito, era mais moderado. Mas o Mallet tinha um papel muito importante nesse período, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965... Quando eu estava já aqui na PUC, eu era de família de classe média alta, ganhei um fusquinha quando eu passei no vestibular, e aí comecei a namorar a Bebel, minha esposa, no segundo ano - ela entrou um ano depois de mim, em 1967. A gente ficava na PUC o dia inteiro. E meu carro ficava parado na PUC mesmo. Nós costumávamos comer sanduíche depois da aula pra ficar à tarde fazendo monitoria. E um dia houve uma invasão da PM na PUC. Entraram pela Marquês de São Vicente e víamos os PMs passarem com toda aquela vestimenta, coisa e tal... Falei pra Bebel: "invadiram a PUC". Como havia professores que foram de universidades federais, que foram cassados, tinha um cerceamento claro e explícito. A saída era pela Marquês de São Vicente. Nós deixamos os PMs passarem, tiramos o carro e fomos embora. Mas esse mesmo automóvel teve outro papel importante exatamente com o Vladimir. A nossa turma, em 1966, inaugurou o bloco do Frings. Tinha que passar por cima de um telhado porque nem o elevador estava pronto. Nesse episódio, que deveria ter sido em 1967 ou 1968, havia uma reunião de estudantes, o Vladimir estava na PUC - eu tinha estado com ele antes - e começou a história de que um grupo mais à direita, o Comando de Caça aos Comunistas (CCC), algo assim, iria tentar pegá-lo. Conseguimos tirá-lo, aí ele se escondeu no meu carro e eu tirei o Vladimir na PUC nesse episódio. Nos encontramos depois e lembramos muitas vezes desse episódio. Ou seja: era um período onde havia liberdade, possibilidade de debater, de fazer encontros de estudantes, mas havia, mesmo internamente, os grupos de direita que faziam algum tipo de confronto a isso. Então era um período rico de debates, de conversas, a Escola de Sociologia e Política, com Padre Ávila, era muito aberta. Tinha colegas como Afrânio Garcia, José Sérgio Leite Lopes... O grupo de estudantes era muito grande, tinha a Celina Vargas do Amaral Peixoto, a Lucia Lippi, o Jacques Velloso, a Licia Valladares, Maria Regina Soares de Lima, Otávio Velho... uma série de pessoas boas. E o grupo da economia era mais.... não vou dizer conservador, mas havia uma relação muito boa entre os colegas. Foi um período muito farto, bom em termos de debates, conversas e discussões sobre o Brasil. Um Brasil que na época ia muito bem, sob o ponto de vista da economia. Era o período do "milagre econômico". Então você tinha essa contraposição entre a economia e a sociedade, as liberdades, tudo isso. Foi um período muito rico de discussão, de entender um pouco a sociedade, de entender o Brasil, numa instituição em que se tinha a liberdade para fazer esse debate.

¹ Colégio localizado em Copacabana, Zona Sul do Rio de Janeiro.

² Fundador do PT (Partido dos Trabalhadores), ex-deputado federal e um dos principais nomes na resistência à ditadura militar.

Maria Candida Vargas Frederico - As memórias sobre os colegas e interesses acadêmicos apareceram na sua fala. No contexto do golpe de 1964, como foi sua participação na universidade, como você via esse momento e a presença da resistência na Escola de Sociologia e Política?

Luiz Roberto Cunha – Dentro da PUC, você tinha muita liberdade de expressão, como eu mencionei, havia discussões francas. Agora, normalmente, você percebia o problema na parte externa. E aí, essa garantia de algum apoio da universidade aos estudantes que tivessem participado de algum tipo de manifestação e tivessem sido presos era a presença do Padre Mendonça. Havia um grupo de alunos, que fazia um movimento de defesa da liberdade da universidade, o MAA - Movimento de Autenticidade Acadêmica. Não teve nenhuma expressão fora da PUC, mas o nosso papel, com muito apoio inclusive do Padre Amaral, que era vice-reitor acadêmico, do Padre Laércio e do Padre Mendonça, era procurar evitar que houvesse muito confronto interno na universidade, porque isso chamaria a atenção dessa força externa cerceando a liberdade de expressão. Quando houvesse algum movimento assim, com algum aluno da PUC preso, por exemplo, o Padre Mendonça ligava pra minha casa pra tentar ajudar a moderar na segunda-feira - porque isso geralmente acontecia no final de semana - algum conflito. Então a gente preparava manifestos, pedindo moderação ou algo parecido, e fazia com certo apoio da universidade, porque estávamos ajudando a manter a PUC aberta. A figura do Padre Mendonça era importantíssima, pois era uma pessoa que se dispunha a estar na rua, procurava defender os alunos, para isso usava o prestígio da universidade e, obviamente, da igreja católica. O Padre Amaral era importante também na área acadêmica. E principalmente o Padre Laércio Dias de Moura, porque o prestígio que ele tinha pessoal na sociedade, ajudava muito no espaço aberto que era a PUC.

Maria Candida Vargas Frederico - A respeito da sua participação profissional na universidade, tendo tido cargos de direção tanto na vice-reitoria como no decanato do Centro de Ciências Sociais (CCS), eu queria que você falasse um pouco mais dessas experiências de administração na PUC.

Luiz Roberto Cunha – Eu tive uma atividade mista, na academia e no governo. Eu trabalhei no governo Geisel³. No início da abertura política, eu trabalhei no Ministério da Fazenda, tinha 27 ou 28 anos, com o Mário Henrique Simonsen, que era um economista da Fundação Getúlio Vargas, com quem eu tinha relações, inclusive, familiares. Mas eu nunca deixei de dar aula na PUC. Eu ficava no Rio de Janeiro trabalhando com controle de preços, que era uma coisa muito ativa naquela época no regime militar. Eu mantive sempre um contato entre academia e governo. Na PUC, eu estive bem no início do Departamento de Economia, quando ele foi desenvolvido. Em 1968 houve a criação de departamentos. Foi uma reforma universitária e a PUC foi a primeira universidade privada a ter avançado nisso. O Departamento de Economia

³ Ernesto Geisel foi presidente do Brasil entre 1974 e 1979.

tinha inicialmente uma relação muito forte com a própria Fundação Getúlio Vargas, que não tinha pós-graduação. Depois que voltei dos Estados Unidos - onde fiquei dois anos no mestrado - eu fiquei na PUC por dois anos e, em 1974, no Governo Geisel, fui trabalhar no Ministério da Fazenda. Mas nunca deixei de estar vinculado à PUC, de dar aulas, participar de comissão geral, tudo isso... Eu saí e depois voltei para o Ministério da Fazenda, já na Nova República, durante o governo Sarney⁴, onde também trabalhei durante dois anos nessa questão de preços, na área econômica. Depois eu voltei pra PUC, como professor do quadro principal, trabalhei numa função administrativa: vice-reitor administrativo. Fiquei um ano e meio nessa função. Eu tive também outra experiência no setor público, como subsecretário de Planejamento e Fazenda, no início dos anos 1980, em um período de inflação muito alta. Na PUC, um pouco depois disso, eu fui pro Decanato do CCS, que, na primeira vez, fiquei por nove anos. Participei muito, nos anos 1990, da reestruturação do quadro de professores da universidade. A PUC tinha um apoio muito grande do governo na área de pesquisa, os professores do CTC e da Economia tinham recursos públicos financiados, o que permitiu ter na área das humanidades, das ciências sociais, professores com carga de 40 horas e pesquisa... Nos anos 1990, reestruturamos tudo isso, fui eleito decano por vários anos naquela época. No primeiro período acho que fiquei nove anos, depois voltei em 2002, fiquei mais 14 anos como decano, em 2022 saí do decanato e me aposentei da PUC, mas continuo ajudando na área de inovação da PUC. Mas acho que o que é importante dessa minha experiência em relação à Escola de Sociologia e Política é a reestruturação do departamento.

No início dos anos 1990, o Padre Garcia tinha falecido, aí a Lélia Gonzalez assumiu em seu lugar o departamento, que tinha iniciado há pouco a pós-graduação, sem uma avaliação boa. O departamento precisava de uma reestruturação. Eu tive um papel nisto, junto com a direção da universidade. Nessa época o reitor era o Padre Laércio de novo, que tinha voltado, após alguns anos em Roma na administração dos jesuítas. E também com o professor Paulo Bocater, que era vice-reitor administrativo, que eu havia indicado quando saí da vice-reitoria em 1989. Foi um episódio importante porque, na verdade, o departamento tinha um conjunto de professores que, por razões acadêmicas, estava sendo mal avaliado. A Lélia faleceu - tinha ficado pouco tempo na direção. Então havia a necessidade de uma reestruturação. Alguns nomes foram importantes: Maria Sarah Telles, Valter Sinder, Eduardo Raposo, Sonia Giacomini... Foram pessoas muito importantes nesse processo! A universidade tinha tomado a decisão de proibir o vestibular, porque o número de alunos era muito pequeno e a qualidade do curso precisava ser reformulada. Havia uma proposta feita por Lélia Gonzalez, mas logo ela faleceu... Tem todo um papel importante que, pra mim, como ex-aluno da Escola de Sociologia e Política, estando na administração da universidade e podendo ajudar nessa reestruturação, foi uma das coisas mais

⁴ José Sarney foi presidente do Brasil entre 1985 e 1990.

importantes que pude fazer por essa Escola e pela universidade. É claro que a PUC tem seus órgãos colegiados, o Conselho Departamental do CCS aprovou essas decisões, assim como o Conselho de Ensino e Pesquisa. Toda a parte acadêmica participou, mas eu sempre fui uma pessoa preocupada em ter uma participação, como decano, junto aos departamentos e à universidade, então tive um papel ali. Mas também a presença de professores no departamento que tinham a vontade e o interesse de reestruturar foi fundamental. Você não faz mudança nem altera a estrutura do curso sem isso. Depois, com a pós-graduação, uma série de professores foi contratada. Sem um núcleo de pessoas que se envolvam nisso e sem o apoio da universidade nada disso seria possível. Por isso, é um episódio que me gratifica muito. Aliás, é bom lembrar que essa entrevista acontece no mesmo espaço onde a Escola de Sociologia e Política nos anos 1960 funcionava. Essa é uma coisa que sempre me deixa satisfeito - estar onde estive já com 18 e 19 anos, o que me marca muito.

Maria Candida Vargas Frederico - Nós finalizamos então a respeito de suas lembranças da professora Lélia Gonzalez, mas gostaríamos também que você ficasse muito à vontade para falar da celebração dos 70 anos, como o senhor se sente participando desse momento...

Luiz Roberto Cunha - Olha, uma coisa que não mencionei ainda - e é importante mencionar - é o que era a PUC nos anos 1960, independente da questão política e do regime militar. Era uma universidade da Zona Sul do Rio de Janeiro, com alunos da classe média alta, era uma outra universidade. Por eu ter ficado 50 anos com carteira assinada - 1972 a 2002 - eu vi muito essa transformação. A PUC passou a ser plural, com um grande número de bolsistas, mas mais importante: o espírito de comunidade e de integração é muito grande. Eu, por exemplo, sempre tive uma relação muito forte com o Departamento de Serviço Social, que teve um papel importante nessa transformação. E eu sempre gosto de dizer isso: a gente, que conheceu a PUC de classe média dos anos 1960, é muito bom ver como ela evoluiu. E essa evolução não é recente, já vem de muitos anos. Tem um lado muito importante na minha experiência de 50 anos de PUC - quer dizer, agora já são 52, pois agora sou um pesquisador ajudando na área de inovação da PUC.